

Novo plano para complementar o "Brady"

por Lionel Barber
do Financial Times

Um alto funcionário do governo norte-americano preparou uma nova iniciativa acerca da dívida do Terceiro Mundo que se afasta da atual abordagem do Tesouro norte-americano, conhecida como Plano Brady, mas que tem por intuito complementá-la.

O autor da iniciativa é William Seidman, presidente da Federal Deposit Insurance Corporation, que ajudou a modelar uma solução para a crise da dívida e que conta com um forte apoio no Congresso norte-americano.

A iniciativa ocorre num momento em que os Estados Unidos se preparam para levar à conferência de cúpula de Paris um esboço de um acordo para a redução da dívida entre México e bancos credores.

A proposta de Seidman prevê um novo fundo de seguro com contribuições iniciais de bancos comerciais, do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, ficando ainda aberta a participação de qualquer governo interessado.

Esses fundos, incrementados por prêmios anuais pagos pelos bancos, proporcionariam segurança aos empréstimos daqueles banco que já concordaram em reduzir o principal ou a taxa de juros que cobram dos devedores.

O objetivo é proporcionar aos bancos credores incentivos para participar do

Plano Brady, que recebeu o nome de seu autor, o secretário do Tesouro norte-americano Nicholas Brady. Isso enfatiza a redução ou perdão dos empréstimos atuais, mas deixa aos bancos e países devedores a responsabilidade pela elaboração de seus novos acordos.

O problema é que, à exceção do México e talvez da Venezuela, especialistas em Washington duvidam que haja outros devedores qualificados para beneficiar-se do plano.

Seidman pretende criar o que chama de "um mecanismo de longo prazo" que permita negociar com os devedores mais problemáticos e estimular a concessão de empréstimos dos bancos comerciais para esses países.

Ele admite que sua proposta torna menos provável as possibilidades de um país quebrar. Mas, caso isso ocorra, e o fundo de seguro tenha-se esgotado, então novas contribuições seriam requisitadas com o risco de envolvimento de dinheiro público.

Houve especulação ontem acerca das razões da publicação do Plano Seidman pelo New York Times antes da conferência de cúpula de Paris. Os indícios são de que os Estados Unidos desejam manter a liderança na estratégia da dívida, apesar do ceticismo francês acerca do Plano Brady, e a proposta parece não fortalecer a posição do Tesouro norte-americano.